

10 anos do Maré de Notícias

Jornal ganha nova equipe de distribuidores, é usado como recurso pedagógico nas escolas do território e vira tese de Doutorado

PÁGINAS 8 E 9

Estudantes da Maré participam, pela primeira vez, do Torneio Internacional de Robótica

PÁGINA 3

Caos na Saúde da Maré

PÁGINAS 4 E 5

Espaços seguros: conheça o que são esses espaços e por onde estão na Maré

PÁGINA 14

DOUGLAS LOPES



Pintando o 7

Profissionais colorem e dão brilho as 16 favelas da Maré. Mesmo com pouco reconhecimento, seguem em frente fazendo a arte e cada dia. São telas, quadros, pinturas nas paredes e letreiros que informam, inspiram e transformam a vida de muita gente.

PÁGINA 6 E 7

Sonho conquistado

A formatura de alunas do Projeto “Escreva Seu Futuro – Alfabetização de Mulheres da Maré”: muitas mulheres têm o desafio de conciliar esta formação com responsabilidades familiares, domésticas e profissionais. Segundo o Censo Maré, apenas 37,6% dos seus moradores completaram o Ensino Fundamental.

PÁGINA 10 E 11

DOUGLAS LOPES



EDITORIAL

Queridos leitores e queridas leitoras,
É com muita esperança que começamos 2020! Um ano que necessita que continuemos na nossa luta diária para fazer com que a informação crítica de qualidade chegue na casa de todos os mareenses.

O nosso Jornal faz 10 anos e, para que você seja presenteado, começamos desde o ano passado a construir metodologias para melhorar tanto a apuração de nossas matérias quanto nossa distribuição, que, agora, conta com a colaboração dos frequentadores do Espaço Normal e demais tecedores da Redes da Maré. O Espaço Normal é referência no atendimento à população de rua, ex-usuários e usuários de crack e outras drogas. Entendemos que essas pessoas conhecem meticulosamente todos os becos, ruas e vielas que compõem as 16 favelas da Maré. E resolvemos convidá-las a fazer esse trabalho tão importante. O que vale um jornal se ele não chega a quem o lê? O convite foi aceito por todos. A equipe é mista, formada por moradores da Maré. O processo começou em setembro e funciona assim: no primeiro dia útil do mês essa equipe de 12 distribuidores lê a Edição do Jornal antes de começar a distribuição de casa em casa. Assim eles podem dividir com vocês, leitores, conteúdos de nossas edições. Ao fim dos quatro dias de trabalho de campo, nós nos reunimos com toda a equipe e ouvimos, por eles, as sugestões de cada um de vocês. Então, querido/a leitor/a, não deixe de sugerir sua pauta, sua dica, sua ideia de reportagem aos nossos incríveis distribuidores, que há três meses estão conseguindo percorrer todas as 47 mil casas que existem na Maré. Estão todos identificados com crachá e também com as camisetas do Maré de Notícias.

E como é ano novo e aniversário do nosso Jornal não podemos deixar de ressaltar o trabalho de professores das escolas da Maré que utilizam o nosso Jornal como material didático. A Escola Municipal Paulo Freire, situada na Vila do Pinheiro, inspirada do MN criou uma matéria eletiva na qual os estudantes “fabricam” seu próprio jornal. E em sala de aula, nossas edições são esmiuçadas para uma análise crítica do nosso território e também do mundo que nos cerca. Nosso repórter fotográfico, Douglas Lopes, foi até lá a convite da escola, para falar como funciona a nossa rotina aqui na redação. E ficou impressionado com alunos que já têm canal nas redes sociais, editam seus próprios vídeos, criam suas próprias narrativas!

Outra iniciativa que nos emocionou nesse início de ano foi a da professora Aline Pereira Botelho, da Escola Municipal Tenente General Nacion, no Parque União. Ela nos escreveu, dizendo que fez um trabalho durante todo o ano utilizando o Maré de Notícias como recurso pedagógico também. “As crianças ficaram encantadas, trabalhamos algumas reportagens como a ‘Becos, ruas e vielas. A importância e a história de seus nomes’. O reconhecimento de algumas pessoas que estavam citadas no Jornal, o nome de algumas ruas que eles conheciam e o fato de muitos estudantes já identificarem o Jornal, pois alguns o recebem em casa, enriqueceu ainda mais nossa aula.” disse a professora. Não é um presente? E, pra você, leitor, também há outras matérias nesta Edição, como a situação caótica da saúde de nossa cidade, a presença de estudantes mareenses num Torneio Internacional de Robótica, os artistas que pintam quadros e telas na Maré, além de mais uma reportagem da série sobre Primeira Infância. Então, boa leitura e até fevereiro, com saúde e paz para todos!

EU, LEITOR - EU, LEITORA

Meu Território é aqui - Sara Alves

Meu Território é aqui
Aqui me faço e me desfaço
Me crio e recrio
Invento e reinvento
Sou única, entre muitas
Só sou mais uma, entre várias
Sou a que acredita e a que também desconfia
Não sou fria. Não naturalizo.
Sou efervescência na mente e muito mais nas utopias,
Que não são ideias vagas e muito menos vazias
Quero minha Dignidade. Cadê minha Liberdade? Meu Direito de ir e vir?
Concreta Dignidade. Tenho minha Liberdade.
Posso agir, descobrir e curtir. Posso circular, acessar, inventar e reinventar
Eu já Sou e escolho Estar
Por que não posso amar esse lugar?
Por que querem me rotular?
Não me encaixo, pois não sou coisa
Tô aqui só pra dizer que aqui é meu lugar
Onde existe meu lar
É na Favela. É na Cidade. É no País.
Estou no Mundo com tudo de bom e de ruim
Tudo muito normal? Natural? Cultural?
Favela não é coisa do Mal!
Já disse, é Construção Social
E esta história de exclusão, não permito, não aceito
Não caiu em qualquer conceito
Meu Favelesco Território
é afeto e memória
é existência e resistência
é vivência e potência
é luta e resiliência
é periferia e cidade
é real e não é virtualidade
família mareense

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!
comunicação@redesdamare.org.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:
Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:
Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

COORDENADORA DE
COMUNICAÇÃO:
Daniele Moura

APOIO:
16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Flávia Veloso
Thaynara Santos
Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

FOTÓGRAFO
Douglas Lopes

REVISORA
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todos os meses na maioria das residências das nossas favelas. Caso não chegue na sua, é só ir buscar na Associação de Moradores da sua comunidade. É gratuito. Leia também notícias fresquinhas do nosso bairro em www.mareonline.com.br

@redesdamare @redesdamare @redesdamare

A Maré na Olimpíada de Robótica

Grupo de estudantes está nesta temporada do Torneio SESI de Robótica First Lego League



PATRICIA VIANNA

Estudantes do Colégio Estadual João Borges têm de criar uma invenção robótica que ajude a resolver a questão da sustentabilidade nas cidades

THAYNARA SANTOS

Um grupo de estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, situado no Parque Maré, está se preparando para a primeira fase do *Torneio SESI de Robótica First Lego League – Desafio City Shaper*. A preparação é feita por meio de oficinas que ensinam os diversos usos da tecnologia e das linguagens de programação. O desafio desta edição é a *City Shaper*: pensar na cidade e descobrir um problema referente à sustentabilidade e à cidadania que possa ser resolvido ou amenizado por uma invenção robótica criada pelo grupo. O objetivo do torneio é aproximar os jovens da robótica ensinando valores humanos de cooperação.

A oportunidade para o grupo de estudantes marreenses surgiu por meio da coordenadora de Robótica do SESI, um dos

apoiadores da Redes da Maré – organização que atua há 22 anos na Maré e mantém parcerias com o Colégio João Borges. O técnico da equipe, **Lucas Dominique** e a coordenadora pedagógica **Inês Di Mare** explicam que as oficinas acontecem há dois meses, nas terças e sextas, após o horário escolar. Como a primeira etapa da competição será em fevereiro, a turma seguirá na preparação no mês de janeiro. “Fomos convidados para participar dessa luta de robô, a FLL, que na verdade é muito além de uma luta de robôs, são desafios, para pensar a vida, desenvolver a convivência entre os diversos saberes e talentos dos participantes, utilizando o equipamento robótico da LEGO. Nós somos a única equipe de favela. Todo o nosso equipamento foi doado por uma apoiadora de Brasília. Nós temos as dificuldades comuns no

estudo da Matemática e da tecnologia, como trabalhar programação com os jovens, mas isso faz parte da preparação. Esse projeto é muito importante, porque proporciona o contato da robótica com estes estudantes e, de certo modo, estará presente no cotidiano profissional desta geração. É bem legal, os adolescentes estão empolgados”, explicam os educadores. Os dois destacam também que a equipe de coordenação, direção e professores da escola têm sido essenciais para o desenvolvimento do projeto no Colégio João Borges

Na Maré, as oficinas são uma iniciativa da Redes da Maré, em parceria com o Colégio Estadual João Borges de Moraes, e fortalecem a rede de parceiros das instituições do território, valorizando a favela e seus moradores.

Torneio de Robótica FIRST LEGO League

Os jovens, liderados por dois adultos, precisam buscar soluções para problemas do dia a dia da sociedade moderna. Seguindo regras feitas especificamente para cada temporada, eles constroem robôs baseados na tecnologia LEGO Mindstorm, que devem ser programados para cumprir uma série de missões.

O torneio é formado por quatro etapas: Projeto de Inovação, em que apresentam uma proposta de solução de problemas pensando a cidade; o *Design* de Robôs, quando são avaliados a estética e a praticidade; o Desafio do Robô, que são competições entre os robôs que deverão ser capazes de navegar, capturar, transportar, ativar ou entregar objetos em um tapete específico; e, por fim, o Core Values, que é uma avaliação do processo de trabalho, levando em conta a autonomia, a cooperação e o relacionamento entre os participantes, um dos pontos mais valorizados da competição.

Se a equipe da Maré for selecionada para as etapas internacionais, poderá participar de competições em outros países. A etapa final acontece nos Estados Unidos em julho de 2020. Como dizem os atletas: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Vamos mostrar que a favela tem valor e vibrar nesta torcida!

Saiba mais em:

<http://portaldaindustria.com.br/sesi/canais/torneio-de-robotica/first-lego-league-brasil>

A Saúde municipal no vermelho

Profissionais sem salários, população sem atendimento: é a realidade da Saúde no Rio

HÉLIO EUCLIDES

Há um ano, em janeiro de 2019, a Edição 96 do Maré de Notícias abordava a ameaça da diminuição das equipes nas Clínicas da Família no território. Era o início de uma crise na Saúde. E de lá pra cá, infelizmente, a situação piorou muito, com profissionais sem salários há três meses, sem dinheiro para pagarem suas contas e comprarem comida. A contratação de profissionais de Saúde no município do Rio se dá por meio de organizações sociais (OS). Na Maré, a OS que administra a Saúde é o Viva Rio, que é responsável pelas quatro Clínicas da Família, dois Centros Municipais de Saúde, o CMS João Candido (Marcílio Dias) e a única Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da região.

Além dos profissionais de Atenção Básica da Saúde passarem por problemas salariais, nos hospitais os pacientes se amontoam nos corredores. Apesar disso, o prefeito Marcelo Crivella publicou, nas redes sociais, vídeo em que afirma que a crise na Saúde é “falsa”. No dia 12 de dezembro, **Daniel Lima**, morador da Nova Holanda, precisou acionar uma equipe de reportagem da TV Globo para conseguir atendimento para sua mãe, Maria do Carmo, de 56 anos, que esperava há 12 horas no Hospital Souza Aguiar. “Minha mãe estava com dores, com problema renal, precisava de atendimento para colocar um cateter. Então, entrei em contato com a imprensa. O prefeito fala que a Saúde está boa, mas não vê os



Profissionais da Saúde manifestam na Cinelândia em frente à Câmara Municipal em prol de melhores condições de trabalho

banheiros do hospital que estão sujos e a enfermaria com infiltração e mofo”, informa.

Para **Joelma de Sousa**, assistente social da Redes da Maré, a situação preocupa, pois a população procura um “plano b”, para achar uma solução: “O que vem acontecendo são as idas às clínicas de preços populares, onde pagam e são atendidos. Logo surgem os comentários que é preferível pagar, pois o de graça é ruim. Esse é o pensamento que sugere uma privatização do Sistema Único de Saúde. Só que Saúde pública é um direito, não pode ser violado, está na Constituição”, afirma. Ela acrescenta que a privatização não é a solução, pois nem todos têm dinheiro para pagar uma consulta.

Profissionais no olho do furacão

Todos os profissionais de Saúde ouvidos na matéria não quiseram ser identificados, com medo de represálias. Um deles nos disse que nas Unidades faltam médicos e remédios. “O salário foi a gota

d’água. No Américo Veloso, por exemplo, o aparelho de raio X está quebrado há cinco meses. A fusão com o antigo Posto de Saúde 14 de Julho diminuiu o número de especialistas que atuavam naquela Unidade. A culpa não é da empresa que administra (Viva Rio), pois funcionava na gestão anterior”, comenta. Ela declara que para consulta de especialistas fora da Maré, o paciente é encaminhado ao SISREG (Sistema Nacional de Regulação), que demora mais de dois meses para atendimento.

Um outro agente acre-

ditada que na gestão anterior foram inauguradas muitas Clínicas da Família sem planejamento. Já, hoje, está sendo desmontada a Saúde Básica. “Um dos problemas é a falta de remédios e materiais básicos, como gases. Não entramos em greve só pelo salário e, sim, por melhores condições de trabalho. Não se pode sucatear a Saúde Primária, pois enche as UPAs e os hospitais”, conta. Ele critica o SISREG, que trava o processo, deixando o paciente aguardando. Esse é o mesmo pensamento de **Aldecir Lima**, moradora

ENTENDA A CRISE:

Crivella afirma ter herdado de seu antecessor, Eduardo Paes, uma dívida de **R\$ 4 bilhões** que supostamente o impede de “cuidar” da Saúde, bem como outros problemas da cidade. Mas em julho de 2018, o Tribunal de Contas do Município (TCM) concluiu que o bispo assumiu a Prefeitura sem dívidas. Mesmo assim, a versão do “deficit herdado do governo anterior” ainda é usada.

O Rio tem, atualmente, uma dívida de **R\$ 3,2 bilhões**, segundo o TCM. Só no primeiro ano desta gestão, o município contraiu **R\$ 2,5 bilhões**. O Portal da Transparência do Rio mostra que, além da dívida, em julho de 2019 o caixa operava com um *deficit* de **R\$ 4,5 bilhões**, ou seja, arrecadou **14,5 bilhões** e gastou **19**.



do Rubens Vaz. “A consulta para especialista demora até quatro meses. Muito tempo para atendimento, é preciso melhorar o sistema”, sugere.

Um **enfermeiro** entrou em contato com o Maré de Notícias para pedir ajuda: “Estamos sem dinheiro para comer, estou chorando de tristeza com a falta de valorização do meu trabalho. O pagamento não chega. Estão acabando com a atenção básica, pois falta tudo. Já são quase três meses nessa situação, pedimos a força das associações de moradores e dos pacientes”, diz. Uma outra agente de saúde concorda que a situação está difícil e triste. “Os enfermeiros não têm dinheiro nem para pegar um ônibus e participar de manifestação. A clínica onde atuo está fazendo apenas vacinação, curativo e remédio injetável se o paciente trouxer”, desaba-fa.

A saída: paralisação

A greve que deixou pacientes sem consultas teve como estopim a falta de pagamento. Para um funcionário da OS Viva Rio há duas questões importantes. “Primeiro, a questão jurídica, que é a falta de repasse. Segundo, sobre a parte humanitária, as pessoas que estão sem receber. O repasse dos recursos vem do município, a gente só faz a gestão. Um outro problema não divulgado são os fornecedores que não recebem há, pelo menos, seis meses. Tem Unidade que não tem sequer dipirona. Já nos hospitais, falta equipamento nas enfermarias”, afirma.

Carlos Vasconcelos é da direção do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, trabalhou na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holan-

da, que se encontra fechada por falta de óleo diesel para o gerador de luz. Ele revela que, na cidade, há profissionais de Saúde passando fome. “Para ajudá-los, estamos fazendo arrecadação de alimento, o problema é que alguns não têm nem dinheiro da passagem para ir buscar a cesta”, conta.

São 22 mil pessoas que estão sem salários há quase três meses. “São boletos atrasados, despejos, dívida na Justiça e acúmulo de contas. Os profissionais que recebem menos é que estão em situação pior. Tem de haver mudança na administração. Acredito que, para reverter essa situação difícil, vai demorar um tempo”, diz. Carlos detalha que o modelo primário de Saúde já chegou a 70% de cobertura da população, mas que hoje foi reduzido a 50%.

“A Prefeitura esperava uma arrecadação que não veio, então gastou mais do que podia. Além disso, gastou com o que não era essencial. A verba destinada para a Saúde vem diminuindo a cada ano; em 2017 era de 25%, no ano passado caiu para 21% e, em 2019, não ultrapassou os 18%”, explica. Nesses três anos, a Prefeitura do Rio deixou de aplicar mais de dois bilhões na Saúde. “O correto era a Prefeitura fazer a gestão de toda a Saúde e não deixar nas mãos das OSs. Essa terceirização desmotiva o profissional, o trabalho de



“A saúde está horrível. Não tenho remédio em casa e nem na Clínica da Família. Os profissionais estão em greve. Não sou contra eles, pois precisam receber o salário, é um direito do trabalhador. Nós precisamos da saúde e eles necessitam manter as famílias. Os governantes não ficam dois meses sem receber. A saúde é um direito que está sendo negado.”

Diucécia de Souza, moradora da Vila do Pinheiro.

“Uma porcaria essa situação, onde não tem médico, remédio e falta tudo. Vamos aos hospitais e não funcionam. Querem nos empurrar em cima dos planos de saúde, para pagar pelo atendimento. Essa gestão é zero.”

Maria das Graças, moradora da Vila do Pinheiro.



A clínica da família, que atende a três favelas da Maré, fechou as portas por falta de combustível do gerador

um médico virou um bico. Para dar certo o Programa Médico de Família é necessária uma confiança, que se conquista com o tempo”, conclui.

A Saúde enferma

A coordenação de Atenção Primária da Região da Leopoldina da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro emitiu Nota na qual informa que as unidades de Atenção Primária que atendem à Maré apresentam equipes de Estratégia de Saúde da Família formadas por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários de Saúde. Que ao todo, são mais de 38 equipes da Saúde da Família. Completou que nestas unidades são oferecidas vacinas, consultas com o médico de Saúde da Família, de pré-natal, puericultura, atendimento bucal,

atividades em grupos educativos, como o de gestantes, além do Programa Academia Carioca. Por fim, negou que haja falta generalizada de medicamentos e insumos nas unidades, apesar das evidências.

No início de dezembro, o Tribunal Regional do Trabalho bloqueou as contas da Prefeitura para garantir o pagamento dos profissionais da Saúde terceirizados. Mas até o fechamento desta Edição, nenhum pagamento havia sido feito e a Clínica Jeremias Moraes da Silva, que atende à Nova Holanda, Rubens Vaz e Parque Maré estava fechada, após o dia 20 de dezembro, por falta de luz e de profissionais. A novela, que parece mais um filme de terror, ao que tudo indica, está longe de ter fim, e quem paga, literalmente, por tudo isso, é a população.



Pintores: temos muitos por aqui

A Maré tem muitos moradores que se dedicam à arte da pintura. São telas, quadros, pinturas nas paredes e letreiros que colorem o dia a dia



DOUGLAS LOPES

Edson Vital com sua maior incentivadora, sua esposa Inácia Lima, em seu ateliê na laje de sua casa, na favela Roquete Pinto, onde pinta suas telas

HÉLIO EUCLIDES

“**N**uma folha qualquer eu desenho um sol amarelo... e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo... Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu...” Esses dois trechos da música Aquarela, composição de Toquinho, Vinícius de Moraes, G. Morra e M. Fabrizio, retratam numa metáfora a infância, adolescência, vida adulta e terceira idade, por meio da pintura. E na Maré não são poucos os moradores que colocam sua emoção na tela, trans-

formam uma vida que poderia ser em preto e branco num presente bem colorido.

Diversos pintores influenciaram o mundo da arte, como Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Jean-Baptiste Debret, Vincent Van Gogh, Leonardo da Vinci e Salvador Dalí. Por inspiração de muitos desses, **Edson Vital**, de 72 anos, estudou a História da Arte e vive dos seus quadros. Desde a adolescência, deixava as matérias de lado para desenhar na escola. Na época, eram histórias em quadrinhos. Edson concluiu o Ensino Fundamental e logo depois um curso por correspondência pelo Instituto Universal Brasileiro. E não parou por aí: fez outro curso, desta vez presencial de um ano, na Escola de Belas Artes, em 1988 - seu xodó, do qual mostra, com orgulho, sua carteira escolar.

Os seus primeiros quadros expostos foram no muro da Escola Municipal Tenente General Napión, na

saída da Ilha do Governador, e foram todos vendidos. Hoje tem quadros fora do território brasileiro, um em Angola e outro no Paraguai. Até chegar lá não foi fácil, mas valeu a pena. O morador da favela Roquete Pinto, na Maré, que já fabricou sapato Nauru (feito de camurça com solado de borracha) e bonecos de bola de gude, sabe bem sobre o atual ofício. “O pintor precisa ter o conhecimento do desenho, para fazer o esboço. Na pintura é importante saber o que se faz, se é realismo, surrealismo ou cubismo. Esse último me fascina, pelas formas geométricas”, comenta.

A esposa **Inácia Lima** é sua maior incentivadora. “Acho muito bom quando ele sobe para a laje, liga o rádio e, com a música a tocar, coloca toda a sua arte na tela”, revela. Edson também faz cópias de quadros conhecidos, como Mona Lisa e, às vezes, coloca detalhes pessoais. “Cada tela

tem a sua história, um tema. Gosto de estudar a história dos artistas, como Leonardo da Vinci que inventou o paraquedas e o helicóptero. Me emociona é pintar o real, gosto de movimento, com técnica de sombra, dobra de roupa, luz e relevo”, detalha. Ele lembra que ser artista não é barato, já que um bom pincel custa 20 reais. A tela também é muito cara, por isso muitas vezes utiliza madeira. Mas ele não desiste da arte. “Não paro de pintar, acho que está no sangue”, conta.

Uma vila colorida

Um ateliê em plena Rua Catorze, conhecida como a principal da Vila do João, um dos locais mais movimentados da Maré, onde passam pessoas indo e vindo do trabalho: esse é o local escolhido por **Afonso Carlos**, de 66 anos, para criar suas obras de arte, um pintor ao ar livre. Esse ambiente eufórico fascina o artista, que acaba pintando de quatro a cinco quadros por dia. A grande maioria é composta de natureza, praias e verde.

REPRODUÇÃO FACEBOOK



Afonso Carlos em seu ateliê na Vila do João



DOUGLAS LOPES

Edson mostra com orgulho sua carteira da Belas Artes



DOUGLAS LOPES

No destaque do salão, a pintura do Cristo Redentor sangrando. “Esse sangue representa a violência; fiz em homenagem às crianças que morreram em virtude de tiros no Rio de Janeiro. Mas na maioria das vezes pinto com pensamento no meu Ceará. Sinto a calma de lá”, revela, olhando para o quadro que mais gosta, que junta três paisagens do povoado onde foi criado, Campo Limpo.

Um artista sem quadro

De uma vida difícil surge a superação. **Nilton Sérgio**, de 48 anos, morador da Praia de Ramos, teve sua história marcada pela separação dos pais e assim teve de abandonar a escola. Uma tia o ensinou a ler, mas pouco sabe escrever. Para tentar uma vida melhor, em 1991, saiu de João Pessoa e veio para o Rio. Na cidade, não encontrou domicílio, dormia na Ceasa e depois em um banheiro da antiga Praia de Ramos. Sua vida começou a mudar quando começou a olhar o trabalho de um amigo e aprendeu a técnica de cartazista. “Sou agradecido à minha esposa e à pintura, foram elas que me tiraram da dependência química”, conta.

Um diferencial de Sérgio é pintar letras sem saber ler. “Por isso, preciso de um texto pronto para escrever na parede, faixa ou no cartaz. Me sinto feliz com a profissão de cartazista; o desenho das letras, quando pinto, me sinto abrindo a mente e cheio de vida”, conclui. Além das letras, o artista ajuda a colorir a favela, porque também desenha personagens infantis como Hulk, Pica-pau, Piu-piu e Os Simpsons.

Ele nunca fez curso, acredita que é um dom de Deus.

Tudo começou no período de infância, quando fugia da escola para fazer desenho de letra japonesa. Por isso, só terminou o curso primário. Mas o talento acompanhou a sua vida. Contudo, Carlos fez outras atividades como segurança da Linha Vermelha e pescador. Seu retorno à arte foi fazendo quadro em madeira, mas sobre a pintura ele diz: “É com o que criei meus filhos, com dinheiro da pesca e da pintura. Agora quero passar a profissão para frente. Tem um neto de 6 anos que mostra um dom para trabalhar com pincel, chora para pintar”, conta. Carlos usa para pintura tinta plástica Acrilex, e se destaca por reciclar madeiras e criar seus próprios quadros.

Ele fica emocionado quando lembra que a pintura o tirou do caminho errado e diz que seus quadros já chegaram nos Estados Unidos e em Portugal. “Isso me faz chorar de emoção, ter quadros no exterior”, resume. Mas é na Maré que ele se realiza. “Falam que há um artista na comunidade. As escolas daqui me chamam para expor e ainda vendo para os pais e professoras. O que me deixa feliz é o sorriso dos clientes, de orelha a orelha”, comenta.

Um artista da tesoura e dos pincéis

Num salão de cabeleireiro na Baixa do Sapateiro, poucos imaginam que além de um artista dos cabelos, há também um talento da tela. **José Carlos de Medeiros**, de 53 anos, é mais conhecido por Zezinho. Ele nasceu em Reriutaba, no Ceará, e desde criança gosta de pintar. Na escola, já fazia os primeiros traços. Mas na sua vida atuou como garçom e depois retornou para a pintura. Isso foi possível após um curso, onde aprendeu o bê-á-bá dos pincéis. Depois disso, em 2012, fez exposições com inspiração no Nordeste.

Ele se divide entre as pinturas dos cabelos e dos quadros. “Tenho gratidão por cuidar dos cabelos; é algo que me sustenta, e também trato como uma arte pintar cabelos. Quando pinto a tela também sou feliz; a tinta tem cor e passa um sentimento”, diz. Os clientes do salão admiram o artista. “A primeira coisa que chama a atenção no salão são os quadros. Algumas telas retratam a fé do nordestino, acho muito bonitas, um trabalho perfeito”, conta **Ramires da Silva**, morador da Baixa do Sapateiro.

Ele se divide entre as pinturas dos cabelos e dos quadros. “Tenho gratidão por cuidar dos cabelos; é algo que me sustenta, e também trato como uma arte pintar cabelos. Quando pinto a tela também sou feliz; a tinta tem cor e passa um sentimento”, diz. Os clientes do salão admiram o artista. “A primeira coisa que chama a atenção no salão são os quadros. Algumas telas retratam a fé do nordestino, acho muito bonitas, um trabalho perfeito”, conta **Ramires da Silva**, morador da Baixa do Sapateiro.



DOUGLAS LOPES

Por meio de suas pinturas nos quadros e telas, Zezinho retrata a sua infância, na cidade de Reriutaba, no Ceará

Um Jornal feito pela e para a comunidade

Maré de Notícias ganha novos distribuidores e é usado como ferramenta pedagógica



ARTHUR VIANA

Nova equipe de distribuidores é formada por moradores da Maré, frequentadores do Espaço Normal e tecedores da Redes

DANI MOURA

Em dezembro de 2009, nascia, ainda sem nome, o jornal comunitário da Maré feito para e pelos mareenses. O nome, que foi sugerido por dois moradores, passando pelas pautas, reportagens, fotos, edição, revisão e diagramação, é pensado para quem mora, vivencia ou trabalha na Maré. O objetivo de informar, formar, criar opiniões críticas, reforçar a potência da favela e também denunciar violações de direitos tem sido cumprido ao longo desses anos. E não foi, e nem é fácil, fazer isto. São 16 favelas com especificidades diferentes, com desejos e demandas diferentes.

Estreitando laços

Uma das estratégias para a comunicação ser efetiva entre os moradores e o periódico é o número de WhatsApp para receber denúncias e sugestões de pauta (97271-9410). Mas não para por aí. A distribuição, desde setembro de 2019, ganhou força com frequentadores do Espaço Normal. O lugar é referência no atendimento à população de rua, ex-usuários e usuários de crack e outras drogas, pessoas que conhe-

cem meticulosamente todos os becos, ruas e vielas que compõem as 16 favelas da Maré. A equipe é mista, formada por moradores da Maré, frequentadores do Espaço Normal e também tecedores da Redes da Maré. **Douglas Thimoteo Pereira Lima** é um deles. “Acho muito bom contribuir em prol da comunidade, distribuindo o Jornal, conversando com os moradores, trocando ideias com cada um, andando pela comunidade. A gente acaba vendo o quanto nossa comunidade é bonita.”

A distribuição começa todo 1º dia útil do mês e conta com 12 distribuidores, além do Douglas, que leem a Edição do Jornal antes de começarem o trabalho de campo, que leva em torno de cinco dias. Ao fim desse tempo, há uma reunião com toda a equipe quando as sugestões dos moradores ouvidas pelos distribuidores são compartilhadas.

Inúmeras reportagens vieram dessas reuniões. Uma delas chamou

a atenção da equipe de jornalistas: “Beco, ruas e vielas: a importância e a história de seus nomes”, do repórter Hélio Euclides, na Edição de novembro de 2019. A reportagem foi usada como ferramenta pedagógica para uma turma do Ensino Fundamental da Escola Municipal Tenente General Napión, localizada na Avenida Almirante Frontin, nº 50, em Ramos. A professora **Aline Pereira Botelho**, de 39 anos, já conhecia o Jornal desde 2017, quando começou a dar aulas na Maré: “De lá pra cá, tenho alterado minha prática devido à escuta impressionante das vozes desses alunos e ao fato da escola receber o Jornal Maré de Notícias.” Mas foi em 2019 que um projeto pedagógico nasceu. “Iniciei um Projeto que me acompanharia durante todo o ano letivo (...) com a questão do pertencimento territorial, pois eles não se viam como moradores da Maré e, para isso, as reportagens sobre o nosso território foram importantíssimas como a ‘Becos, ruas e vielas. A importância e a história de seus nomes’. O reconhecimento de algumas pessoas que estavam no

“Estudando com o Jornal, a gente fala sobre muita coisa, como racismo e é importante, porque criança aprende e adultos também.”

LETÍCIA BIANCA
Aluna da E.M. Tenente General Napión

Jornal, o nome de algumas ruas que os estudantes conheciam e o fato de eles já identificarem o Jornal, pois alguns o recebem em casa, enriqueceram ainda mais nossa aula”, conclui a docente.

Aline enviou uma carta à redação do Jornal, na qual agradece a equipe. “Gostaria de agradecer, utilizando o meu lugar de fala como educadora, pelo grande recurso pedagógico que o Jornal se tornou para mim e para a turma 1203. A turma confirma o entusiasmo. “É muito legal estudar, porque isso vai ajudar o nosso futuro. Achei muito legal ver as coisas que a gente não vê.”, diz **Isaac Gomes da Silva**, de 8 anos de idade.



DOUGLAS LOPES

Crianças da E.M Tenente General Napion em sala de aula
Além da Maré

Aline teve o apoio do **Diogo Nascimento**, professor de Educação Física da escola, que utilizou o Jornal em seu doutorado, para explicar a importância da construção de novas narrativas sobre o território periférico, valorizando as potências locais. “O Jornal é imprescindível, ainda mais no contexto multidisciplinar, porque ele traz o protagonismo para a Maré. A Maré é um mundo. E eu acho legal trabalhar essa identidade desde cedo com as crianças, porque eu mesmo que nasci na Maré só fui criar essa identidade já na faculdade. Sempre neguei o território, falava que morava em Bonsucesso. É legal ver crianças tão pequenas sentirem orgulho dessa identidade mareense”, diz o professor, que é morador do Morro do Timbau, na Maré.

Na escola da Maré, Diogo usou a agenda cultural do Jornal, um dos destaques na sala de aula dos pequenos. “A agenda cultural do Jornal possibilita à criança ter acesso a espaços que muitas vezes ela nem sabia que existiam, com a divulgação de cursos, apresentações, eventos, e isso proporciona um entendimento

“A gente não sabe de uma autora que a gente nunca viu e ver, no Jornal, da Maré (Escrita que tem cor). E a gente vai e estuda com o Jornal.”

ISAAC GOMES
Aluno da E.M. Tenente General Napion

melhor sobre o que é a Maré, o Jornal ajuda a construir o Bairro Maré, diferente de outros veículos que reforçam os estigmas de não lugar. Isso muda a perspectiva do lugar que eles moram. O Jornal é uma ferramenta importante, por ser algo físico, ser impresso e trazer tantas imagens, que podem ser usadas como práticas pedagógicas no cotidiano da escola. Ele ajuda a mudar a visão sobre um lugar que é marcado com essa vivência negativa, com todos esses estigmas.”

Paulo Freire e Maré de Notícias

São 50 mil exemplares que são distribuídos nos domicílios, nas associações de moradores, organizações não governamentais, instituições que atuam no território, além das 48 escolas da Maré.

Na Escola Municipal Paulo Freire, na Vila do Pinheiro, uma matéria eletiva foi criada, inspirada no Maré de Notícias. No início, o Jornal era esmiuçado pelos professores e alunos que trabalhavam a oralidade, a interpretação de texto, análise crítica pelas reportagens apresentadas. “O Jornal traz outro suporte de leitura; a gente faz uma leitura crítica e isso forma um senso crítico incrível! Lemos, a cada dia, uma notícia e o Jornal tem um papel importantíssimo, porque fala do local onde eles moram, traz notícias que interessam e isso causa impacto na

vida deles”, diz **Mônica Bezerra do Nascimento Pinheiro**, professora do 5º ano da escola.

O impacto foi tamanho que, hoje, na eletiva, os alunos têm o seu próprio Jornal, editam e produzem conteúdo audiovisual. O repórter fotográfico do Maré de Notícias, **Douglas Lopes**, foi convidado a ir à escola e ficou impressionado com o trabalho dos alunos. “Muito importante para eles aprenderem com as notícias sobre as favelas, sobretudo sobre os espaços que eles têm afetado, que são os locais onde moram. Eles já produzem, pelo celular, notícias, entrevistam pessoas, editam o material e veiculam na internet. E ninguém melhor pra falar sobre o território do que os próprios moradores.”

Outra professora da mesma escola, confirma: “O Jornal é muito relevante e eles gostam muito, porque é uma notícia muito próxima a eles. Falar sobre o espaço deles, mesmo que eles já conheçam, é muito legal, diz a professora **Adriana Bezerra do Nascimento Pinheiro**, também do 5º ano. Ela destaca a Edição de número 100, que teve uma reportagem especial com um mapa de toda a Maré. “Na Edição 100, do mapa, eles amaram! Esse Jornal está guardado lá! Se ver dentro do Jornal é a parte mais positiva!”

Portanto, vida longa ao Maré de Notícias!

PERSONAGENS E SUAS COMUNIDADES

01 - CONJUNTO ESPERANÇA • Elcyr Paixão de Albuquerque	06 - BENTO RIBEIRO DANTAS • Cremilda Vicente de Carvalho	11 - NOVA HOLANDA • Durvalina Pacheco de Souza e Maria Augusta da Conceição
02 - VILA DO JOÃO • Irene da Cruz Gomes	07 - MORRO DO TIMBAU • Nadir de Araújo Santos e Joaquim Agamenon Santos	12 - RUBENS VAZ • Jorge Bob's
03 - CONJUNTO PINHEIRO • Eunice Cunha de Oliveira	08 - BAIXA DO SAPATEIRO • Atanásio Amorim	13 - PARQUE UNIÃO • Aluísio de Andrade Campos
04 - VILA DO PINHEIRO • Nadja Domingos	09 - NOVA MARÉ • Amaro Domingues	14 - ROQUETE PINTO • Seu Irineu Ferreira da Silva e Dona Creuza Oliveira Azevedo
05 - SALSA E MERENGUE • Vinícius Pereira de Souza	10 - PARQUE MARÉ • José Gomes Barbosa	15 - PRAIA DE RAMOS • Bhega
		16 - MARCÍLIO DIAS • Geraldo Oliveira

Página da edição número 100 do Maré de Notícias com o mapa das 16 favelas que a professora Aline guardou

Senhoras do destino

Projeto educacional oferece novos horizontes às mulheres da Maré

THAYNARA SANTOS

“**A** rotina é complicada, você chega tarde do trabalho, vai direto dormir, depois acorda só para fazer tudo novamente. Aí chega o final de semana, tem de arrumar a casa. É muito cansativo. Então a vida passa e você não conhece as coisas, não conhece nada da rua para fora. Uma vez, arrumaram um emprego para mim em Copacabana. Eu fui, mas só tinha a passagem de ida. Tive de pedir a um senhor a passagem de volta. Ele me deu e ainda pagou um lanche para mim. Agora eu já peguei a primeira letra do meu ônibus, só me atrapalho às vezes. Eu já sabia ler um pouco, mas agora tenho outras estratégias.” A dona do relato é **Luzinete Silva dos Santos**, de 50 anos, moradora da Nova Holanda. A paraibana, que chegou na Maré em 1989, decidiu investir nos estudos após criar seus três filhos. Atualmente, é uma das alunas do “Escreva Seu Futuro – Alfabetização de Mulheres da Maré”, um Projeto

DOUGLAS LOPES



A formanda Rozilda Severina Vicente, da turma da Marcílio Dias, no dia da celebração da formatura fez um discurso emocionante

da Redes da Maré, com apoio da L'Oréal/Lâncome e parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). As aulas são para moradoras das 16 favelas da Maré, que tenham mais de 15 anos, que nunca frequentaram a escola, não completaram o Ensino Fundamental ou declaram não saber ler/escrever. Muitas têm o desafio de conciliar formação, responsabilidades

familiares, domésticas e profissionais.

Segundo o Censo Maré, apenas 37,6% dos moradores da Maré completaram o Ensino Fundamental. A maior taxa de analfabetismo se encontra entre as pessoas pretas e indígenas. Esses dados alertam para os obstáculos oferecidos pela desigualdade social e racial que afeta a favela e a periferia.

fatores que influenciam na decisão de tantas mulheres retornarem aos estudos, ou começarem do zero. Um deles é a vontade de pensar um pouco em si mesmas, investirem em um futuro melhor, o desejo de ingressarem no mercado de trabalho, a valorização da educação, de saber ler e escrever, que vai além da leitura de mundo. Entretanto, há obstáculos como a rotina de cuidar da família, pois muitas vezes elas são a única fonte de renda dos familiares. Luzinete, por exemplo, conta que não recebeu o apoio de familiares e amigos quando decidiu voltar a estudar. Muitos criticavam ou não entenderam a necessidade do retorno à escola aos 50 anos. “Eu nunca fui à escola; na minha época, infância era para trabalhar, meu pai não me deixou estudar. Esse tempo

Sala de aula: um espaço de escuta e acolhimento

O primeiro ano do projeto na Casa das Mulheres foi em 2019. A sala de aula no Parque União é formada por diversos perfis: mães, tias, avós; algumas trabalham fora e outras são donas de casa; mulheres negras, brancas, de origem nordestina ou não.

As educadoras explicam que muitos são os



DOUGLAS LOPES

Coordenadores do curso, representantes da Redes da Maré e L'Oréal junto com as formandas



DOUGLAS LOPES

As aulas acontecem em cinco espaços diferentes das 16 favelas da Maré. Acima, uma das turmas na Casa das Mulheres da Maré

todo era só cuidar da casa, trabalhar e olhar as crianças. Fiz tudo o que podia pelos meus filhos, agora vou olhar um pouco para mim. Não pude terminar meus estudos e hoje em dia as pessoas não contratam alguém sem estudos. Passou um carro de som na rua divulgando o Projeto, aí eu peguei meus documentos e fui fazer minha matrícula. E é isso, estou aqui e gostei. Sei que já trouxe mais três para cá.”

A educadora **Alcicleia Ramos** frisa que muitos aprendizados vão além da sala de aula. “A aprendizagem não precisa ser da forma tradicional, dentro de um quadrado. Passeios a museus e espaços de lazer também são significativos para o conhecimento e o saber. As alunas têm aulas regulares, de segunda a quinta-feira e, às sextas-feiras, fazemos o planejamento da semana seguinte. Nós precisamos respeitar e entender os perfis das nossas alunas; eu não posso trazer a mesma aula ou o mesmo tema de uma mesma forma. No nosso diálogo, percebe-

mos que muitas tinham medo de sair e conhecer outros lugares, com um forte sentimento de não pertencer àquele espaço. E isso não é bobagem, é a realidade. Por isso fizemos muitos passeios e todos de transporte público. Queríamos que esse hábito fosse criado nelas”, diz.

Uma parceria que gerou frutos

A supervisora pedagógica do projeto **Edvânia Ferreira Bezerra**, de 30 anos, explica que, no município, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) é dividida em dois blocos: a EJA I, que são os níveis iniciais, do primeiro ao quinto ano, e a EJA II, que são os níveis finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono ano). No Projeto “Escrevendo Seu Futuro”, a parceria é com a Universidade Federal do Rio de Janeiro e, a princípio, só há a alfabetização, mas já existem parceiras para as que queiram continuar o processo de aprendizagem formal. “No fim do ano passado, conseguimos uma parceria com o CEJA Maré, Cen-

tro de Educação de Jovens e Adultos, e muitas alunas alfabetizadas serão encaminhadas para lá e darão continuidade aos estudos”, completa.

São sete turmas que acontecem em três turnos (manhã/tarde/noite) localizadas em diferentes comunidades que compõem o conjunto de favelas da Maré: Nova Holanda, Parque União, Baixa do Sapateiro, Marcílio Dias e Vila do João; e seis alfabetizadoras. Para ingressar no curso é necessário ser mulher, preferencialmente moradora da Maré e ter passado pelo Programa Integrado da UFRJ. O

Projeto já teve mais de 20 turmas, só na Maré. Hoje em dia, a falta de verbas das universidades reduziu esse número, mas não à força. “Com o ‘Escreva seu Futuro’ nós devolvemos um direito negado a essas mulheres, que é o direito à Educação. E isso é muito importante para a gente. Todos deveriam ter acesso, mas por diversas questões - como uma família que não estimula os estudos, ou por necessidades financeiras - não conseguem estudar no período regular. Por isso percebemos a importância de ter o acesso ao estudo em diferentes horários, não só no turno da noite.

E os relatos das alunas confirmam isso. Por ser uma turma só de mulheres, acredito que elas se sintam mais confortáveis em se abrir nesse espaço mais acolhedor”, explica Alcicleia, que faz parte da equipe pedagógica junto com Ana Cláudia de Araújo, Carla Beatriz Barreto dos Reis, Jaqueline Soares da Silva, Maria Cleani da Silva da Costa, Jessica da Costa Pinheiro, Edvânia Ferreira Bezerra (UFRJ), Ana Paula Abreu Moura (UFRJ) e Alessandra Pinheiro (Redes da Maré).

DOUGLAS LOPES



Jurema Martins é aluna do período da tarde na Casa das Mulheres no Parque União

Já fez a matrícula?

O calendário de matrículas das Redes Municipal e Estadual de Ensino, iniciado em 2019, tem continuidade este mês. Confira as datas e os processos que ainda estão abertos

ELIANE SALLES

REDE MUNICIPAL

As inscrições devem ser feitas no [site matricula.rio](http://site.matriculadorio) (não precisa colocar *www* no navegador). A Secretaria Municipal de Educação disponibiliza acesso gratuito à internet e funcionários para auxiliar no preenchimento do formulário a todos que não têm acesso à internet. O atendimento será de segunda a sexta-feira, das 8h às 15h, a partir do dia 7. A relação dos locais com conexão gratuita pode ser consultada pelo telefone **1746**. A informação também está disponível nas secretarias das escolas municipais. Em breve será divulgado o início das aulas e o calendário escolar de 2020.

Transferência interna da Pré-escola, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos: **inscrições de 7 a 10 de janeiro**

Novos alunos para Pré-escola, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos: **inscrições de 16 a 21 de janeiro**

Matrícula on-line 2020



Para efetuar a sua inscrição na Rede Pública de Ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro, acesse:

www.matricula.rio

Se você não possui acesso à internet, ligue 1746 e se informe sobre locais com internet

DOUGLAS LOPES



São mais de 1.500 escolas e creches da Secretaria Municipal de Educação que atendem a mais de 600 mil alunos

REDE ESTADUAL

De acordo com a Assessoria de Comunicação da Secretaria Estadual de Educação, as inscrições e acompanhamentos devem ser feitos pelo [site www.matriculafacil.rj.gov.br](http://site.www.matriculafacil.rj.gov.br)

Para aqueles que não possuem acesso à internet ou têm dificuldade em utilizá-la, as escolas estarão à disposição para auxiliá-los. No entanto, não souberam informar quando as secretarias voltam a funcionar e nem o horário de funcionamento. Orientaram a procurar a unidade desejada para obter mais informações.

De acordo com o [site **Matrícula FÁCIL**](http://site.Matrícula FÁCIL), as próximas etapas de inscrição são as seguintes:

Confirmação da 1ª fase da Matrícula FÁCIL: **6 a 8 de janeiro**

Inscrição da 2ª fase da Matrícula FÁCIL (exclusivo para os candidatos

não alocados na 1ª fase): **21 e 22 de janeiro**

Confirmação da 2ª fase da Matrícula FÁCIL: **a partir de 21 de janeiro**

Inscrição da 2ª fase da Matrícula FÁCIL (aos candidatos não alocados, aos que não confirmaram matrícula e aos novos do Ensino Fundamental e Médio): **a partir de 23 de janeiro**

Cadastro para transferência informatizada: **a partir de 27 de janeiro**

Transferência informatizada (com vaga imediata): **a partir de 27 de janeiro**

Início das aulas: **10 de fevereiro**

ELIZÂNGELA LEITE



Em 2020, o número de escolas da rede estadual com turmas em tempo integral vai aumentar

NA MARÉ

Piscinão de Ramos

A piscina possui 26.414 metros quadrados, revestidos com uma camada de polietileno e com capacidade para 30 milhões de litros de água. Um espaço que encanta os pequenos.

Local - Avenida Guanabara, s/nº - Praia de Ramos

Parque Ecológico da Maré

Uma grande área verde da favela, é considerado por alguns o pulmão da Maré. Espaço para caminhada, prática de esportes e lazer.

Local - Via A/2 - Vila dos Pinheiros

Bela Maré

Apresenta a exposição "O nome que a gente dá às coisas", que reúne 25 jovens artistas das regiões periféricas da metrópole do Rio de Janeiro, que formam a Escola Livre de Artes (ELÁ). A Mostra fica em cartaz até 1º de fevereiro.

Local - Rua Bittencourt Sampaio, 169 - Nova Holanda

Principal da Virada

Quarta - DJ tocando todos os ritmos

Sexta - pagode

Sábado - baile

Domingo - forró e sertanejo

Local - Bar do Grande e do Moraes

Rua Quatorze, em frente à Associação de Moradores da Vila do João

Forrozão do Cleiton e Dentinho

Quando - Toda sexta, a partir das 23h

Local - Próximo à Passarela 11

Lona Cultural Herbert Vianna

Rua Ivanildo Alves, s/nº - Maré
As programações são gratuitas.

Espaço de Leitura Jorge Amado

O acervo, constantemente atualizado, atende a faixas etárias distintas, com obras de literatura brasileira e de várias áreas do conhecimento.

Horário - aberto de segunda a sexta, das 13h às 19h

Piscinão da Lona

Atividade que consiste em

banho de piscina e atividades aquáticas, pensando o verão de forma educativa.

Quando - 28 de janeiro, às 11h
Público-alvo - crianças e adolescentes da Maré

Lona na Rua: Praia de Copacabana

Passeio à praia e ao Forte de Copacabana para uma tarde de ações educativas e lúdicas promovendo o acesso à arte e à cultura.

Quando - 10 de janeiro, às 10h
Público-alvo - crianças da Maré

Lona na Rua: SESC Ramos

Atividade que visa promover o acesso a equipamentos culturais e à cidade de maneira geral.

Quando - 21 de janeiro, às 13h
Público-alvo - crianças e adolescentes da Maré

Pé de Livro

Atividade que busca incentivar a leitura.

Quando - 8 de janeiro, às 15h
Público-alvo - moradores da Maré

Colônia de Férias da Lona

Semana de oficinas, com programação lúdica aberta ao público.

Quando - de 13 a 17 de janeiro, às 14h

Público-alvo - crianças e adolescentes da Maré

Bicicletada - A descoberta das Marés

Atividade que pretende promover o deslocamento e imersão no território do Conjunto de Favelas da Maré.

Quando - 30 de janeiro, às 15h
Público-alvo - moradores da Maré

Favela Rock Show

O Favela *Rock Show* acontece bimestralmente. sempre circulando pelas vertentes do *rock underground* do *heavy metal* ao *indie rock*.

Quando - 24 de janeiro, às 21h
Público-alvo - moradores da Maré

Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto

Atende à demanda de jovens e adultos de um lugar para leitura, pesquisa e estudo.

Quando - segunda a sexta
Horário - 9h às 21h
Local - Rua Sargento Silva

Nunes, 1.008 - 2º andar - Nova Holanda

Sala de Leitura Maria Clara Machado

Para o público infantil, leitura, contação de história, oficinas, material para desenho, pintura e uma variedade de brincadeiras e jogos.

Quando - segunda a sexta
Horário - 14h às 20h

Local - Rua Sargento Silva Nunes, 1.008 - Nova Holanda

Centro de Artes da Maré

Oferece uma intensa programação de eventos artísticos, culturais e sociopolíticos.

Quando - de segunda a sexta-feira, das 9h às 21h; aos sábados, das 9h às 13h

Local - Rua Bittencourt Sampaio, 181 - Nova Holanda

Mostra Maré de Música

O mês de janeiro tem mais uma edição da Mostra Maré de Música. Uma programação musical gratuita, que mescla talentos locais a figuras de renome na cena nacional.

Atrações - Duda Beat, Afrofunk Rio e Amaréfunk

O *show* será no dia **20 de janeiro**, às **19h**, no **Centro de Artes da Maré**.

PELA CIDADE

Paço Imperial - ESQUELE70

Exposição dá início às comemorações dos 70 anos da UERJ. A mostra é um extenso material sobre a história da Universidade desde sua criação, onde antes havia a Favela do Esqueleto, chegando aos dias atuais.

Local - Praça Quinze de Novembro, 48 - Centro

Quando - até 16 de fevereiro, de terça a sexta, das 12h às 19h; sábados, domingos e feriados, das 12h às 18h

Entrada - franca

Centro Cultural Light

No Museu Light da Energia, que fica dentro do Centro Cultural, o visitante vai descobrir de uma forma bem interativa muitas curiosidades sobre a energia elétrica.

Local - Avenida Marechal Floriano, 168 - Centro

Quando - de segunda a sexta, das 9h às 19h

Entrada - franca

Palácio do Itamaraty

O palacete cor-de-rosa foi construído em meados do século XIX, na época era localizado na Rua Larga de São Joaquim. Hoje, o local abriga o Museu Histórico e Diplomático.

Local - Avenida Marechal Floriano, 196 - Centro

Quando - de segunda a sexta, das 14h às 17h

Entrada - franca

Sociedade Brasileira de Belas Artes

Galerias e salas de exposição temporária estão sempre à disposição. A programação inclui cerca de dez Mostras por ano.

Local - Rua do Lavradio, 84 - Centro

Quando - de segunda à sexta, das 13h às 17h30

Entrada - franca

CADEG - Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara

Inaugurado em 1962, o Mercado Municipal do Rio de Janeiro conta com uma variedade de serviços e produtos, além de espaço de gastronomia.

Local - Rua Capitão Félix, 110 - Benfica.

Quando - Consultar a loja desejada em <http://www.cadeg.com.br/lojas/>

Entrada - franca

Museu Histórico do Corpo de Bombeiros

Acervo composto de objetos que revelam o percurso histórico, artístico e tecnológico do País. O visitante poderá conhecer aspectos relevantes da história e da memória do primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil.

Observação - existem algumas restrições de vestimentas (<http://www.cbmerj.rj.gov.br/sobre-o-cbmerj/institucional/museu>)

Local - Praça da República, 45 - Centro

Quando - de terça-feira a domingo, das 9h às 17h

Entrada - franca

Toda criança tem direito à segurança

Na terceira série de reportagens sobre a Primeira Infância, o Maré de Notícias traz a questão de espaços seguros para crianças até os 6 anos de idade: por que é tão importante que os pequenos cresçam em lugares, internos e externos, seguros?



NALDINHO LOURENÇO

Crianças frequentadoras da Sala de Leitura Maria Clara Machado, um dos espaços seguros da Maré

FLÁVIA VELOSO

O ambiente no qual uma criança vive e aqueles que ela frequenta influenciam diretamente sua qualidade de vida em diferentes aspectos. Não é à toa que saúde, educação, moradia, saneamento e lazer são direitos de toda a população, sobretudo a infantil. Ter acesso a estes e a outros direitos garante desenvolvimento digno à criança, até mesmo de suas estruturas cerebrais.

O período que corresponde à Primeira Infância - até 6 anos de idade - é a fase em que as estruturas neurais estão em formação e o indivíduo detém uma grande capacidade de absorver informações. Desta maneira, a criança precisa receber estímulos positivos, pois esse período será a base para toda a sua vida.

O que são espaços seguros?

O Marco Legal da Primeira Infância é uma Lei federal que aborda, dentre outros pontos, a necessidade de se proporcionar, aos pequenos, espaços de brincadeiras, aprendizados, bem-estar, estímulo à criatividade e ao convívio com outras crianças em espaços públicos e

privados, assim como ambientes livres e seguros nas proximidades de onde moram. Lugares que possuem estes elementos são chamados “espaços seguros” para a Primeira Infância.

As crianças estão seguras na favela?

As favelas da cidade, e a Maré não foge disto, não dispõem de espaços preparados para acolher adequadamente sua população infantil. A escassez de bibliotecas e brinquedotecas vai na contramão de atender às demandas das crianças por estes tipos de espaços, que estimulem aprendizado formal, imaginação, criação e divertimento.

Fernanda Oliveira Ribeiro de Medeiros é moradora da Nova Holanda e frequenta o Clube de Leitura da Biblioteca Lima Barreto, uma das únicas três de todos os 16 territórios que compõem a Maré. Durante a atividade, deixa as filhas Alice e Sophia, de 5 e 9 anos, na sala infantil da Biblioteca Maria Clara Machado. Fernanda conta que, depois que as meninas passaram a frequentar o local, suas vidas mudaram: “As brincadeiras e atividades de leitura e artes da biblioteca

deram a elas outra visão de mundo. Estão melhores na escola e mais falantes.”

As áreas externas da Maré também não passam segurança. Ao invés de proporcionar os benefícios das atividades ao ar livre, em ruas, praças e *playgrounds*, a intensa circulação de veículos criam um ambiente externo inseguro para lazer e circulação. Outra questão das áreas externas da Maré é a exposição das crianças ao cenário da violência causado por grupos civis armados e conflitos bélicos constantes que envolvem agentes do Estado. Somente em 2019, cinco crianças foram mortas por arma de fogo, quatro delas em favelas.

Além de interromper as vidas dessas crianças, ambientes de conflito geram estresse tóxico, muito prejudicial, que se dá a partir de adversidades extremas, frequentes e contínuas, sem apoio de um adulto. Negli-

gência, abusos físicos e psicológicos e violência são algumas causas de estresse tóxico, que pode atrasar o desenvolvimento e causar problemas de saúde.

A mãe de Alice e Sophia receia em deixar suas filhas brincarem na rua, por conta da insegurança causada pelos veículos e as armas. Ela também reconhece que faltam espaços de desenvolvimento para as crianças na Maré: “Sinto falta que elas brinquem com outras crianças fora da escola, hoje em dia não tem muito isso.”

Mas na Maré há organizações não governamentais que oferecem atividades educacionais, artísticas, esportivas e de lazer para crianças que se articulam com os territórios para trazer qualidade de vida aos pequenos mareenses, a fim de mobilizar políticas públicas que possam garantir os direitos da Primeira Infância.



NALDINHO LOURENÇO

Instalação feita na Biblioteca Lima Barreto para a campanha pelo direito à vida na Maré

ALGUNS ESPAÇOS ASSEGURADOS NA MARÉ:

Lona Cultural Herbert Vianna - Rua Ivanildo Alves, s/ nº - Nova Maré - Telefone: (21) 3105-6815

Centro de Artes da Maré - Rua Bittencourt Sampaio, nº 181 - Nova Holanda - Telefone: (21) 3105-7265

Biblioteca Popular Lima Barreto (Sala de leitura Maria Clara Machado) - Rua Sargento Silva Nunes, nº 1.008 - Nova Holanda - Telefone: (21) 3105-8421

Uerê - Rua Tancredo Neves, s/nº, Qd 3, Bl 255, C 1 - Telefone: (21) 3881-6219

Luta pela Paz - Rua Teixeira Ribeiro, nº 900 - Maré - Telefone: (21) 3104-4115

Primeira Infância e espaços seguros

IRENE RIZZINI E ELIANE GOMES DA SILVA BORGES

Os direitos das crianças são direitos humanos reconhecidos nos marcos do século XX em normativas internacionais e nacionais, incluindo as crianças como sujeitos de direitos desde os primeiros anos de vida. A Convenção Internacional dos Direitos das Crianças de 1989 e, no Brasil, a Constituição Federal de 1988 e a Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA) preconizam os direitos de todas as crianças, sem discriminação, respeitando a diversidade de infâncias. Entretanto, atenção específica voltada às crianças pequenas de fato vem ocorrendo nos últimos anos, dando-se destaque à importância dos primeiros anos de vida (0 a 6 anos), nas pesquisas acadêmicas, nas diversas mídias, nas políticas públicas e no campo dos direitos desta parcela da população. A última década foi importante, com o impulso dado pela Rede Nacional da Primeira Infância (RNPI) e, no ano de 2016, foi promulgada a Lei 13.257 – Marco Legal da Primeira Infância. Essa Lei estabelece princípios e diretrizes para a implementação de políticas públicas voltadas às crianças desde a gestação até os 6 anos de idade, evidenciando os primeiros anos de vida para o desenvolvimento infantil e o desenvolvimento do ser humano.

O Brasil apresenta significativos avanços em relação aos direitos da infância, embora viva-se, no presente, processos de desmonte no que tange aos direitos humanos. Estudos sobre a infância brasileira revelam que há situações de disparidades e violações de direitos das crianças que interferem no seu desenvolvimento pleno e saudável. No caso das crianças na Primeira Infância, circunstâncias desfavoráveis as silenciam e suas demandas e, até mesmo sua existência, ficam invisibilizadas. É o caso daquelas que

crescem em contextos que as vulnerabilizam, seja em áreas de favela, periferias urbanas ou em zonas rurais. Pesquisas realizadas pela equipe do CIESPI/PUC-Rio vêm apontando a inexistência de espaços seguros, onde possam brincar livremente.¹

Vejam, por exemplo, o caso das favelas brasileiras. Nelas, as crianças ocupam as casas, travessas, becos e vielas com suas brincadeiras e vivacidade. Estas localidades, porém, não constam nos mapas oficiais, tampouco nos indicadores estatísticos e orçamentos públicos. As ações a seu favor são descontinuadas, sua priorização é menosprezada e há prejuízos na execução das políticas públicas a elas destinadas. As condições de vida desiguais violam os direitos humanos das crianças que vivem em contextos de favela desde o início da vida.

Sabemos que as populações faveladas criam estratégias diante dos desafios diários e as crianças vivem, participam e crescem compartilhando essas lutas e resistências. Pesquisas acadêmicas sobre a escuta de crianças vivendo em contextos de favelas ainda são escassas. Uma pesquisa recente sobre o assunto aponta para a relevância de ouvir a criança, como forma de garantir seu direito de ser escutada e de participar, e conclui que as crianças podem oferecer importantes pistas ao nosso aprendizado, compromisso e responsabilidade como adultos diante das infâncias e seus direitos (Borges, 2019).²

O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância em convênio com a PUC-Rio (CIESPI/PUC-Rio), na pesquisa "Espaços Seguros para Crianças na Primeira Infância", revela a precária situação das crianças na Primeira Infância, que vivem em contextos de favelas. Dados censitários da pesquisa realizada na Rocinha descrevem locais



Crianças de favelas e periferias também têm de ter direitos, como o de brincar, garantidos

onde as crianças podem brincar e aprender fora de sua própria casa. Os resultados aplicam-se a outras localidades similares, como a Maré, onde espaços seguros são insuficientes para que as crianças pequenas tenham tranquilidade para brincar. Constatou-se que as instituições locais são espaços cruciais para o suporte e atendimento às crianças em seu cotidiano, porém, grande parte enfrenta sérios problemas de sustentabilidade e manutenção da qualidade dos serviços oferecidos e serve apenas a uma fração das crianças e suas famílias.

As pesquisas resultaram em algumas recomendações: melhorar e multiplicar os espaços institucionais às crianças na Primeira Infância; reduzir a exposição das crianças à violência armada; melhorar a estabilidade financeira das instituições; ordenar o trânsito, criar e manter espaços de lazer, bem como ampliar e aprimorar as ações de apoio às famílias. O Plano Municipal pela

Primeira Infância do Rio de Janeiro (PMPI-RJ, 2013), deliberado pelo Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA-Rio), apresenta estratégias para a priorização de políticas, entre elas, aquelas destinadas à promoção de espaços seguros para as crianças.

No âmbito das políticas públicas, é preciso garantir orçamento e espaços de escuta, assim como fortalecer as perspectivas intersetoriais no trato com as causas infantis, a despeito do atual cenário, em tempos de retração de direitos. Isso implica também contar com a mobilização de moradores e sua articulação com a gestão municipal (Segurança Pública, Transportes, Esporte e Lazer, Cultura, Educação, Assistência e Saúde, entre outras). Uma coisa é certa: quanto mais as crianças permanecerem silenciadas e invisíveis, maior a persistência das discriminações e violações de seus direitos.



IRENE RIZZINI – Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) com graduação em Psicologia e mestrado em Serviço Social (School of Social Service Administration, Universidade de Chicago). Professora da PUC-Rio (Departamento de Serviço Social) e Diretora do CIESPI/PUC-Rio (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância).

@irizzini.pucRio.ciespi@gmail.com



ELIANE GOMES DA SILVA BORGES – Mestre em Serviço Social pela PUC-Rio, especialista em Gênero e Sexualidade pela UERJ, bacharel em Serviço Social pela UFRI, com atuação na política pública de saúde e de assistência social e vasta experiência em projetos sociais envolvendo o protagonismo de famílias, crianças, adolescentes e jovens.

@elianegomes.ciespi@gmail.com

¹ Publicações, como os Cadernos de Pesquisa e Políticas Públicas do CIESPI/PUC-Rio, apresentam resultados sobre o assunto (disponíveis em www.ciespi.org.br).

² Borges, Eliane G. Escuta de crianças na Primeira Infância em contextos de favela: aproximações e distanciamentos entre saberes e direitos das crianças na Rocinha (Rio de Janeiro). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio, 2019.

Delícias que cabem no bolso

O Natal passou, mas as gostosuras podem ser feitas o ano inteiro. Olha esta deliciosa e fácil receita do Maré de Sabores! E fique atento que as inscrições para o Curso de Gastronomia estão abertas! As informações estão abaixo da receita.

PRODUÇÃO: BISCOITO

Ingredientes:

- Açúcar - 250 g
- Amido de Milho - 50 g
- Farinha de Trigo - 500 g
- Margarina - 300 g
- Gema de ovo - 34 g
- Pasta Americana - 800 g



Preparo:

1. Separe todos os ingredientes nas quantidades corretas.
2. Misture, numa tigela, o açúcar, o amido de milho e a farinha de trigo. Reserve.
3. Em outra tigela misture as gemas e o açúcar. Acrescente os ingredientes secos à mistura, aos poucos, até desgrudar das mãos.
4. Coloque em um saco plástico e leve à geladeira por duas horas.
5. Em seguida, abra a massa com o auxílio de uma base plástica para não grudar no rolo e nem na bancada.
6. Corte no formato desejado.
7. Coloque num tabuleiro com papel manteiga e asse em forno pré-aquecido a 180° por 30 minutos.
8. Decore com a pasta americana ao seu gosto.

CAÇA-PALAVRA

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

Os usos da cortisona

Medicamento de **EFEITO** anti-inflamatório, **ANTIALÉRGICO** e imunossupressor, a **CORTISONA**, ou corticosteroide, pode ser administrada na forma de comprimidos, **POMADAS**, cremes, colírios ou injetáveis, para uso tópico, **ORAL**, inalatório, intramuscular ou **ENDOVENOSO**. Durante o tratamento, é recomendável adotar uma **DIETA** suplementada com alimentos ricos em proteína, cálcio, potássio e **VITAMINAS A, C e D**, para evitar efeitos **COLATERAIS**, sobretudo no caso de uso prolongado da **SUBSTÂNCIA**. Além disso, qualquer medicamento à base de cortisona administrado por via oral deve ser acompanhado de alimentos, para reduzir resultado **ADVERSO** no trato gastrointestinal. Ao fim do processo, para impedir o retorno da enfermidade que estava em tratamento, o uso da cortisona deverá ser descontinuado gradativamente, para que o próprio **ORGANISMO** volte a produzir o **HORMÔNIO** normalmente fabricado pela **GLÂNDULA** suprarrenal, inibida durante o consumo do corticoide. A substância é contraindicada durante a **GESTAÇÃO** e na fase de amamentação. Além disso, pacientes **DIABÉTICOS**, epiléticos, com hipertensão arterial, insuficiência renal, entre outras restrições, devem ter **CAUTELA** na administração da cortisona.

E M D G Y H T T B E D L T C T C A L T R N C
 N S L E G O I N O M R O H R F L A N D E L O
 N A H S F C D C S B T L B C F R C N L N F L
 A D C T H I T S R T R F T N O T C S C D N A
 I A N A T G T A E L D T D L N D N L F O T T
 C M L Ç Y R F N V T T R I N T D D G C V B E
 N O D Æ C E S I D O T T E L O T I E F E B R
 A P G O D L T M A R D R T G N T D D F N T A
 T N L L L A T A N G G B A T N B N N E O F I
 S T A C D I T T L A Y N N N F L B Y C S M S
 B G N T N T L I R N R D I A B E T I C O S Y
 U D D S N N N V T I C N F N R C L M T F F D
 S R U R Y A T N B S N O D **C O R T I S O N A**
 L L L R T C C S F M B T T N N T T F T M N R
 R Y A C N L C E E O T A L E T U A C D O L S

PROJETO
maré
DE
sabores

INSCRIÇÕES

Período de inscrição
6 a 31 de Janeiro

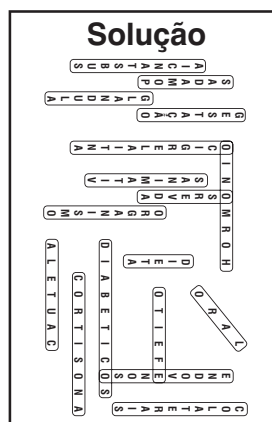
Documentos necessários:
Identidade
Cpf
Comprovante de residência
1 foto 3x4

As inscrições irão ocorrer na

CASA DAS MULHERES
Rua da Paz, 54
Parque União

REDES DA MARÉ
Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda

LONA DA MARÉ
Rua Ivanildo Alves, S/Nº
Nova Maré



O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

(21) 97271-9410